



A Economia Solidária como forma de inclusão e desenvolvimento social¹

Guilherme Lopes TEIXEIRA²

Laís Alves PRATES

Vitor ZANGEROLAMO

Débora Aparecida Brombine FREITAS

Raquel Schmidt RIBEIRO

Taynara Ferrarezi de CARVALHO

Prof.^a Dr.^a Raquel CABRAL³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

Contextualiza o modelo capitalista e as suas consequências sociais e ambientais. O que é a Economia Solidária e como ela se diferencia do capitalismo. Explica o apoio desse modelo à democratização da mídia. Apresenta algumas propostas do Fórum Brasileiro de Economia Solidária para a Comunicação e Divulgação dessas práticas. Por fim, relata o projeto de incubação da COOTRAMAT como um dos projetos que a INCOP/Bauru realizou em relação às propostas de cooperativismo no âmbito da economia solidária.

Palavras-chave: Economia Solidária; Autogestão; Cooperativismo; Comunicação; Incubadora de Cooperativas Populares.

Vivemos em uma sociedade regrada pelo modelo atual capitalista em que as relações se organizam através da competição em todos os sentidos. Apesar de ser vista como boa para a economia, essa competição gera diversos problemas sociais e desigualdades. Isso cria a dualidade entre perdedores e ganhadores, estes acumulam vantagens enquanto aqueles, desvantagens, o que é passado através das gerações e perpassa as desigualdades através do tempo.

O capitalismo produz desigualdade crescente, verdadeira polarização entre ganhadores e perdedores. Enquanto os primeiros acumulam capital, galgam posições e avançam nas carreiras, os últimos acumulam dívidas pelas quais devem pagar juros cada vez maiores, são despedidos ou ficam

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: guilopesteixeira@hotmail.com

Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: laisalvesprates@gmail.com

Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: vitor_zang@hotmail.com

Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: debora_freitas_15@hotmail.com

Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: taynaraferrarezi@yahoo.com.br

Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da Unesp Bauru, email: raquelr335@gmail.com

³ Professora Coordenadora da Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp-Bauru, email: raquelc@faac.unesp.br



desempregados até que se tornam *inempregáveis*, o que significa que as derrotas os marcaram tanto que ninguém mais quer empregá-los. (SINGER, 2002, p. 8)

Como observamos, o capitalismo prega um afastamento dos trabalhadores e operários da gestão dos meios e recursos de produção, em que são cada vez mais explorados e cada vez mais pessoas perdem a aquisição de remuneração sendo excluídos do mercado até mesmo como consumidores. Esse ideal “promove crescente exploração do trabalho e dos recursos naturais, gerando desigualdade social, cultural, econômica, territorial, degradação ambiental e prejuízos à saúde dos seres vivos.” (Conferência Nacional de Economia Solidária, 2006, p. 4).

É buscando reverter essa lógica, para criar uma sociedade mais justa e mais humana, que surge a ideia da Economia Solidária, caracterizada por princípios de colaboração pautados na cooperação, autogestão e desenvolvimento humano. Ela visa atingir uma sociedade sustentável, pensando nas futuras gerações e praticando o uso responsável e preservando os recursos naturais.

Esse modelo foge da heterogestão, prática capitalista em que a hierarquia e a especialização do trabalho são as bases que geram competições e tendem a aniquilar a cooperação, e encontra seu fundamento na autogestão. Esta propõe, segundo Singer (2002), uma participação democrática no processo de decisões, o que torna necessário o acesso irrestrito às informações e ao conhecimento das atividades praticadas pela empresa e seus problemas, para que todos façam parte do processo gestor de forma igualitária e cooperativista.

A coletividade ideal gera a produção de conhecimento e a consciência política, revelando:

A emergência de um novo ator social composto de trabalhadores associados e consumidores conscientes e solidários, portadores de possibilidades de superação das contradições próprias do capitalismo, caracterizando-se, portanto, como um processo revolucionário. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006, p. 4).

A Economia Solidária emancipa o trabalhador, desfazendo as premissas capitalistas da exploração do trabalho, em troca de um trabalhador livre que controla os meios de produção, motivado por sua própria vontade, pelo seu desenvolvimento pessoal e sua realização como parte do todo, em que os ganhos de produtividade são coletivos. Essa Economia deseja atingir um desenvolvimento solidário de forma comunitária, em todos os aspectos, econômicos,



políticos, sociais e culturais, através de suas diversas manifestações que são destacadas no trecho a seguir.

[...] coletivos informais, associações, cooperativas de produção, de trabalho, de consumo solidário ou de serviços; cooperativas sociais (pessoas com deficiência e transtorno mental); organizações e grupos de crédito solidário, bancos comunitários e fundos rotativos e cooperativas de crédito; redes de empreendimentos, produtores e consumidores; grupos e clubes de trocas solidárias e mercados de trocas solidárias com ou sem uso de moeda social; empresas recuperadas pelos trabalhadores em autogestão; cadeias solidárias de produção, comercialização e consumo; centrais de comercialização, iniciativas de comércio justo, organização econômica de comunidades tradicionais (quilombolas, comunidades negras e terreiros de matrizes africanas, povos indígenas, ribeirinhas, seringueiros, pescadores artesanais e outros extrativistas, etc.); cooperativas habitacionais autogestionárias; grupos culturais; agroindústrias familiares, entre outras iniciativas, seja nas áreas urbanas ou no meio rural, respeitando a questão de gênero, raça, etnia e geração. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006, p. 3).

Portanto, a Economia Solidária é mais do que uma luta pela gestão coletiva e democrática da produção que se apoie na cooperação mútua, agroecologia e manejo sustentável. Trata-se de um movimento internacional que se articula para difundir saberes éticos, solidários e justos, de inclusão social, igualdade e a valorização do ser humano.

Enquanto a lógica capitalista concebe o desenvolvimento somente em seus aspectos econômico-quantitativos, sem considerar o fator distributivo desse aumento da produtividade, a Economia solidária compreende o desenvolvimento econômico como o meio de promover o desenvolvimento humano e social, de forma a fomentar a distribuição igualitária da renda e acabar com as desigualdades sociais. É um modelo que visa à inclusão e ao respeito às diversidades.

Não poderia ser diferente que esse movimento declarasse compartilhar de valores, princípios e práticas de lutas históricas, como "a luta pela democratização da comunicação, pelo acesso e uso dos meios e contra o monopólio da mídia" (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006, p. 5). No Brasil, o rádio e a televisão, em sua maioria, são concessões do poder público para a iniciativa privada, e a autorização para a prestação dos serviços de radiodifusão é controlada por poucos grupos de empresários de mídia, gerando assim um cenário de desigualdade em relação ao acesso aos meios de expressão.

É por ter consciência de que atualmente no país a produção de informação e entretenimento está profundamente atrelada a interesses capitalistas, onde os telespectadores



são vistos como consumidores apenas, e os meios de comunicação de massa eximem-se de sua responsabilidade pública de serem canais de pluralismo que garantem a diversidade num diálogo de muitos para muitos, é que a Economia Solidária têm em seu plano de comunicação e divulgação, a democratização da comunicação com o fortalecimento de canais comunitários, populares e alternativos.

As políticas públicas da Economia Solidária devem privilegiar os meios de comunicação comunitários, populares e alternativos, sem esquecer de exigir a contrapartida dos grandes meios de comunicação, que são concessões públicas e devem estar a serviço da sociedade e sob seu controle social. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006, p.21).

Através dessas redes que a Economia Solidária visa difundir suas experiências, valores, práticas e saberes de suas diversas áreas de atuação. A própria universidade, reconhecida como um espaço de comprometimento com a construção da cidadania e produção do saber, pode ser um desses canais de comunicação entre a Economia Solidária e a comunidade.

A INCOP - Incubadora de Cooperativas Populares - da UNESP de Bauru atua como articuladora da Universidade e a comunidade e vice-versa. A INCOP busca nos moldes da Economia Solidária desenvolver projetos de incubação, auxiliando cooperativas nas áreas de tecnologia social, cooperativismo, autogestão, educação popular, gênero e sustentabilidade.

Desde 2011, a INCOP veio desenvolvendo um projeto de incubação da COOTRAMAT (Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis na cidade de Bauru-São Paulo). Após três anos de incubação, a INCOP finalizou esta importante etapa com um ciclo de capacitação e atualização de algumas temáticas, tendo em vista a alta rotatividade de cooperados no empreendimento social. Assim, em setembro e outubro de 2014, em parceria com a Secretaria Municipal de Bem Estar Social (SEBES), Secretaria Municipal de Obras, Banco do Brasil e EMDURB, a INCOP da UNESP/Bauru realizou diversos encontros formativos embasados na metodologia da Educação Popular e Economia Solidária para atualizar e finalizar a etapa de incubação.

Em suma, o objetivo desse projeto foi realizar o acompanhamento da cooperativa com o intuito de integrar conhecimentos tanto da INCOP como dos próprios cooperados a fim de se alcançar maior qualidade e autonomia nas ações da própria cooperativa. Desse modo, por intermédio da interação entre alunos, orientadora e cooperados, foram produzidos encontros



que buscaram atender as demandas já existentes no grupo incubado. Dentre esses conhecimentos, frisou-se novamente os princípios da Economia Solidária, o trabalho em equipe, motivação interna, liderança, organização de trâmites legais dentro da cooperativa e desmistificação de termos chaves que estavam estagnando o fluxo do clima organizacional na COOTRAMAT.

Para a aplicabilidade da incubação foi planejado um cronograma que consistia em visitas semanais à cooperativa e revezamento por parte dos alunos e orientadora na apresentação dos conhecimentos. As apresentações, sobretudo, tinham um caráter mais dinâmico visando envolver os cooperados nos assuntos abordados, considerando sua vulnerabilidade social, pois grande parte dos integrantes não era alfabetizada e demandavam métodos mais específicos.

Dadas essas condições o projeto conseguiu realizar visitas e se inteirar bastante com o seu público realizando até atividades de cunho simbólico, como plantio de uma árvore, para imbuir na cultura organizacional como a mudança acontece de forma gradual.

Além, é claro, de atividades dentro do espaço comunal em que os próprios cooperados tinham que interagir, participar, levantar opiniões, e entrar em conflitos salutares para o desenvolvimento de novas ideias para sua melhoria interna e clima organizacional. Visando assim, aplicar os conceitos estudados de forma prática, auxiliando os cooperados no seu desenvolvimento social e político, como prega o modelo em questão.

Referências

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Documento Final, 2006. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B59B49C012B5DE9018F1B32/TxtComplementar_ConfNacEconSolidaria_Anais.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. A trajetória do Movimento da Economia Solidária no Brasil: do Fórum Social Mundial (FSM) ao Fórum Brasileiro da Economia Solidária (FBES). Disponível em: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_gestores/pdfs/5_principios.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.